

GLÓRIA KIRINUS EM DIÁLOGO COM SEUS LEITORES

Entrevista com a escritora Glória Kirinus¹

“Sou peruana do Brasil, ou brasileira do Peru?”

Sou ambas as coisas, mas acima de tudo sou palavreira de nascimento. Fiz desta cisma de palavras o meu ofício itinerante. A minha linguagem, nos entretantos do tempo, permanece primordialmente analógica. Daí o meu fascínio pela linguagem infantil, pela linguagem popular, pela linguagem dos poetas. Quando menina, lá no Peru, ficava na ponta dos pés para espiar do outro lado das montanhas. Agora, morando deste lado da fronteira, tento espiar o que acontece nos países vizinhos. Para dar conta desse amor continental escrevo dobrado: de dia e de noite; em verso e em prosa; para adultos e para crianças; no quente e no frio... E claro, em português e também em espanhol”. (Texto disponível em <<http://gloriakirinus.com.br/index1.htm>>, acesso em 29/11/13).

Glória Kirinus, escritora bilíngue, autora de vasta publicação dirigida ao público de todas as idades, entre livros, palestras, conferências, cursos e entrevistas publicadas em diferentes periódicos nacionais e internacionais, concede esta entrevista à Revista **Línguas&Letras** (Vol. 14 – Nº 27 – Número Especial, Segundo Semestre de 2013).

¹ Pós-doutoranda (C.E.A.Q /Sorbonne - Paris). Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP). Mestre em Literatura Brasileira (PUCRJ). Especialização em Literatura Brasileira (UFPR). Graduação em Letras português-espanhol (UFPR). Graduação em Turismo (ENT) Lima – Peru. Ex-professora da PUCPR (Letras e Tradução Literária) e da UFPR (Educação). Autora de livros bilíngues de Literatura Infantil e Juvenil pelas editoras Paulinas, Paulus, Larousse, Melhoramentos, Inverso e Cortez. Autora de livros teóricos: **Criança e Poesia na Pedagogia Freinet** e **Synthomas de Poesia na Infância** (Editora Paulinas). Participa com ensaios científicos, orelhas e comentários críticos em outros livros (Champagnat, Juruá, Vozes, Papirus e outras editoras universitárias). Colaborou com páginas de poesia, crônicas e ensaios, no Caderno G da **Gazeta do Povo**. Criadora e ministrante do curso itinerante LAVRA- PALAVRA. Foi votante do Prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil por mais de dez anos. Conferencista em congressos nacionais e internacionais. Consultora na organização de congressos, feiras de livros e outros eventos culturais. Tradutora literária: português – espanhol – português. Integra núcleos de pesquisa e módulos de cursos de especialização, em diferentes universidades do Brasil. Bibliotecas escolares, grupos de pesquisa, espaços de leitura e de criação literária creditam seu nome. Recebeu o título “Mérito da Educação” no estado do Amapá, “Bosque de Leitura” na cidade de Ponta Grossa, visitante ilustre em Formosa (GO), Huancayo (Peru), entre outras distinções. Membro Curadora da Fundação Sidônio Muralha. Integrante da Federação Internacional de Educadores Freinet – FIMEM. Integrante da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil – AEI-LIJ. Membro do Conselho Consultivo do site de Leitura e Literatura Infante - Juvenil: www.dobrasdaleitura.com. (Texto disponível; <<http://gloriakirinus.com.br/index1.htm>>, acesso em 29/11/13) e membro do Centro de Letras do Paraná.

Línguas&Letras: Seu livro **Carta para El Niño** (2012), publicado pela Editora Paulus está na seleção de livros de Literatura Infanto Juvenil, para as férias de julho, com indicação no Caderno G **Gazeta do Povo**. Fale sobre a proposta estética do livro e seu olhar sobre o público leitor.

Glória Kirinus:

Onde encontrar respostas? No meu caso, no mar. Onde encontrar respostas sobre *El Niño*, esse fenômeno atmosférico que nos manda recados em forma de chuva, vento, calor e nuvens novidadeiras? No mesmo mar, habitat natural do *El Niño*. É lá que ele muda de temperamento e de temperatura.

Este livro é uma carta-história. *La Niña*, uma menina curiosa e movida a perguntas, engarrafa sua curiosidade e a de todo mundo numa carta escrita em prosa poética. A carta é recheada de intertextos de cantigas populares que fazem alusão às mudanças do tempo.

Este é o livro que me permite mais comunicação com as crianças. Os professores inspirados e motivados pela história propõem ampliações a partir da leitura, na sala de aula. Já recebi inúmeras garrafas com cartas direcionadas para “El Niño”. Outros mandam respostas para “La Niña”. Aliás, uma das perguntas mais frequentes que recebo é esta: - Você pretende escrever a resposta do “El Niño” para “La Niña”?

Recentemente soubemos de uma carta dentro de uma garrafa descoberta em Sable Island, Nova Escócia, pelo biólogo Warren N Joyce, do Departamento Fisheries and Oceans, do Canadá. A notícia lida hoje, 8 de fevereiro de 2014 informa que ela estava entre centenas de objetos despejados no oceano Atlântico entre 1956 e 1972 como parte de um programa que pretendia estudar as correntes profundas e da superfície.

Aqui temos, realidade e imaginário reunidos. Cabe ao professor, numa proposta transdisciplinar, aproveitar a Literatura para constituir um saber instigante, motivador, pleno de significados, entre seus alunos.

Meu mar sempre foi o Pacífico que banha as costas do meu país natal, o Peru. Migrei para o Atlântico há muito tempo, neste lado do Brasil que me tocou viver. Atualmente moro em Curitiba, cidade que tem as quatro estações do ano no mesmo dia. Já me acostumei, faça sol ou faça chuva; de dia ou de noite; a prova de ventos, ventanias ou vendavais (que um tal “Niño” se encarrega de aprontar) leio, escrevo e atendo meus leitores.

Línguas&Letras: Entre suas atividades de escritora, incluem-se oficinas, cursos de crônicas, contos e palestras dirigidas aos professores, alunos e público interessado em literatura, escrita criativa, formação leitora. Qual é a proposta do **Curso Lavra-Palavra**? O que esta experiência tem revelado à escritora Glória Kirinus e quais de seus livros são mais lidos e citados pelo público?

Gloria Kirinus: Quando me perguntam - Gloria, o que é "Lavra-Palavra"? Sempre respondo algo novo até pra mim. - É um "abracadabra" com apoio reflexivo e teórico. É lavar a palavra. É a torre de Babel. É meu passaporte poético... Estão vendo? Desentranho o que me habita e reabilita como brasileira que nasceu peruana e precisou driblar a palavra e se encantar com o português do Brasil. E assim, a cada pergunta, vou respondendo o que nem mais cabe em mim, de tão comprida trajetória, de tão quase cumprida missão. Mas, vamos lá, que esta entrevista vem de quem quer respostas menos evasivas para atender outros leitores. Tentarei explicar:

A oficina “Lavra –Palavra” enfoca reflexões prático-teóricas sobre o poético na infância da humanidade e na infância do homem, revelando nossa natureza mito-poética. Possibilita descobrir e criar assombros com a linguagem, proporcionando o relacionamento prazeroso com a palavra, explorando o seu aspecto lúdico, infinito e poético e redimensionando o aprendido e o aprendido, pelo canal do imaginário e do potencial crítico/criativo do participante. Fundamenta-se na pedagogia Freinet e nos pensadores que promoveram os estudos atuais sobre o imaginário: Heráclito, Bachelard, Giambattista Vico... E também naqueles que conversam atualmente com o que penso e sinto: Gilbert Durand, Edgar Morin, Maturana e Michel Maffesoli, com quem tenho o prazer de dialogar constantemente. Devo a esta oficina a alegria de inúmeros depoimentos de autores publicados e premiados, de reportagens sobre o assunto na rádio e TV e também o prazer de um Brasil bem visitado e de um pouco de mundo também (México, Costa Rica, Uruguai, Peru, Argentina, Equador, França, Alemanha).

Em relação aos livros, cada um tem seu destino. Alguns me levam longe e descubro outros mundos. Outros me aproximam dos leitores. Aqui, alguns:

**O Sapato Falador* (editora Cortez). Este foi meu primeiro livro - 1985 - e atualmente, os filhos dos meus antigos leitores estão lendo. É um livro que passou por gerações. Isto me emociona muito e aproveito para agradecer o carinho de grandes e pequenos.

Este ensaio-dissertação foi escrito nos anos 90, quando a secura do texto acadêmico não se permitia a hidratação do estilo literário e na época foi referência e inspiração para novos pesquisadores. Para publicar a dissertação, a pedido da editora, mudei o título para *Criança e Poesia na Pedagogia Freinet*. No livro reúno dois franceses de diferentes épocas. O educador Célestin Freinet e o sociólogo do atual e o cotidiano, Michel Maffesoli. O bom senso de um e o senso comum, do outro, me ajudaram a refletir sobre a criança, a escola a literatura.

O livro *Synthomas de Poesia na Infância* nasceu da necessidade de propor outro olhar diante de um problema bem atual. Um excesso de rotulação das crianças de parte da escola e da família indica uma epidemia de hiperativos, outros sofrem de síndrome de falta de atenção, outros ainda tem depressão. E normalmente o diagnóstico apressado é seguido de medicamentos que merecem mais cuidados na sua administração. Muitos já se colocaram em relação a isto, com muita propriedade. O livro propõe novos diagnósticos, fruto de um cruzamento de terminologia clínica e literária. Vejam alguns: rinite aguda, analogia intensa, isolamento fabuloso, acesso de perguntas, catapora inventiva, entre outros. Algumas resenhas em diversos meios e, principalmente, o retorno de muitos leitores, me anima a continuar com esta pesquisa que levou dez anos de entrevistas e diálogos com pediatras, professores, pais, neurologistas.

No momento estou trabalhando no projeto *Synthomas de Poesia na adolescência*. E agora?

Línguas&Letras: Sim e agora? No livro **O Camelo e o Camelô**, publicado pela editora Paulinas (1997), aparece uma clara intertextualidade com mitos e temas da tradição oriental, aspecto rico no ato de contar histórias, pois aí, está o convite aos leitores para uma viagem pelo deserto e o conhecimento da mitologia do povo egípcio. Fale sobre a importância da elaboração estética de temas mitológicos com base no lastro cultural que se expressa em alguns de seus livros. Em que medida esta produção contemporânea revisita as grandes narrativas, ou narrativas fundadoras?

Glória Kirinus:

Visitei o Egito pensando que visitaria um templo enorme de quietude e momentos sagrados. Imaginei um deserto de silêncio para interiorizar toda essa riqueza de saberes milenares. Nada disso, os camelôs não permitiram essa quietude:

“- *Um pote de areia pintada / pelo boné do seu filho;/ um tapete persa pelo/ seu xale de linho;/e até dez mil camelos/pela filha bonita ...*”

No livro (que aguarda reedição) caminho em versos na companhia inseparável do camelo e do camelô e vou inserindo aos poucos elementos da geografia e da mitologia. Aqui estão a esfinge original e os três enigmas de pedra – Quéops, Quefrem e Miquerinos .

E aqui cabe destacar um diálogo que tive com uma turma de escola acompanhados das professoras. Acho que pode ser muito esclarecedor. A experiência é de 12 anos atrás, mas certamente pode ser atual, mudando o canal de comunicação:

- Gloria, o livro tem nomes como “esfinge” e nomes de deuses do Egito como Isis, Osíris, Amon Rá. A senhora acha que as crianças poderão compreender isso?

- Professora, a senhora mesma explicou que quando a gente não sabe uma palavra, a procura no dicionário. (falou um aluno)

- Ah, falando em esfinge, não é aquela que reconstituíram o nariz dela nestes dias? Eu vi na TV [...] (falou outro aluno)

Fiquei acompanhando a conversa e pensando ali com meus botões, as crianças, em termos de informação, estão bem servidas. Hoje, com os joguinhos do computador, inclusive com muita mitologia, geografia e história de outros povos, este vocabulário novo é universo bem conhecido deles.

O camelo e o camelô é o jogo milenar do comercio, da negociação. No final do livro aprendo a negociar também: *sou escriba destes tempos/e troco de bom gosto/uma lenda bem contada/por cem potes de silêncio [...]*.

Outro livro onde a mitologia é bem marcante é *Tartalira*, (2013, editora Melhoramentos) O título vem de tartaruga e lira. A descoberta, pelo deus Hermes, deste belo instrumento musical dos gregos, a lira, na carapaça da tartaruga é bem conhecido. Este livro nasceu de um belo “Eureka” no momento de leitura do dicionário. Parei por acaso na palavra tartaruga e quando vi o nome científico – tartaruga lira – tudo ganhou um novo sentido que levei direto para meus leitores. Este livro também circula em espanhol e continua me oportunizando belos encontros com leitores de todas as idades.

No livro *Formigarra/Cigamiga* (Paulinas) atualizo a fábula de La Fontaine. As narrativas fundadoras permitem e promovem a reinvenção. A leitura dos clássicos permite uma aproximação catalisadora de novas formas de expressão. O autor, um intertextualizador ambulante e natural recupera e atualiza a cultura anterior, a narrativa milenar. Parece que uma boa dose de mistério e pensamento mágico insiste em equilibrar nosso atual novo mundo mágico movido pela informática e as novas descobertas da física quântica com o saber milenar.

O autor, ao prolongar ou atualizar o texto literário que o precede, precisa do leitor participante que decodifique as mil facetas de sua obra criativa. O canal lúdico fica assim instalado entre leitor e escritor. A obra lança propostas que convidam ao mesmo tempo para o tempo passado e o tempo presente. É mais, tacitamente provocam no leitor um olhar para o tempo futuro, a maneira de um convite.

Línguas&Letras: Qual é o seu olhar para a produção literária que se difunde nos dias atuais via internet? Quem é o novo escritor? Quem é o novo leitor? Pode se chamar “novo”? Há algo de novo neste fenômeno?

Gloria Kirinus

Como escritora, minha empatia com a nova tecnologia foi imediata. Meu livro *Formigarra/Cigamiga* (1993) foi o primeiro escrito no computador. Sou da época do papel carbono e da máquina de escrever. Então, a passagem de uma tecnologia para outra foi muito feliz. Arquivos, pastas, encaminhamentos, comunicação, pesquisa, tudo funciona com mais agilidade no meu inseparável PC.

Como leitora, ainda prefiro o livro em mãos. Conto com uma bela biblioteca em casa e certamente será muito lento o processo desta passagem para a leitura na tela do *tablet* ou do computador. Livro, eu levo para passear, dormir, acordar e preciso conversar com cada uma de suas folhas de papel.

O meio, o suporte tecnológico muda, é outro. Mas permanece, por exemplo, a surpresa, a curiosidade, o horizonte de expectativa quebrado, num bom texto. Permanece a inusitada metáfora e permanece um solo comum milenar que continua nutrindo o homem de necessidades estéticas. Aqui entra a arte.

A lua é a mesma de antigamente. É o mesmo o próprio sol. E ainda é o mesmo o menino que atirava pedras na lagoa surpreendendo ondas que se multiplicam diante do seu olhar perplexo.

É verdade que o longe ficou perto e que apertando uma tecla encontramos alguém do outro lado do mundo. Por outro lado, algo permanece. As ondas do mar ainda recebem a visita dos rios e a menina ainda persegue para ser perseguida como lendária Naia perseguida por Jaci. Sim, a lenda da Vitória Régia, apenas para citar um exemplo, poderá reinventar-se na louça interativa de um curso a distância (já tive essa experiência), no livro, numa roda de contadores de histórias, tanto faz. O que é essencial permanece. Reconhecemos com Ezra Pound o plano sonoro, de imagens e significados em textos de diferentes épocas. Com nosso tempo não é diferente. O que é arte transcende. Aqui relevo o importante trabalho dos formadores de leitores e do grande artista, o professor, mediador de tantas leituras. Aproveito para agradecer a oportunidade desta entrevista que me aproxima de meus queridos leitores e alunos de diferentes lugares.

Línguas&Letras: Agradecemos a autora pela oportunidade de conhecermos um pouco mais sobre sua obra por meio desta gentil entrevista concedida à edição especial da Revista **Línguas&Letras** (Vol. 14 – Nº 27 – Segundo Semestre de 2013).

Lourdes Kaminski Alves